



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

## “NOSSA LÍNGUA NASCEU EM PORTUGAL”: DISCURSO E HISTÓRIA NO MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

Heloisa Mara Mendes<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, analisamos o Auditório do Museu da Língua Portuguesa, fundamentando-nos nos pressupostos teóricos de Dominique Maingueneau sobre a noção de *ethos*. Nossas análises procuram mostrar que, nesse espaço expositivo, emerge um *ethos* mítico que se materializa por meio de um enunciador que narra os acontecimentos históricos a partir de um ponto de vista eurocêntrico e por meio de enunciados que tratam da presença da língua portuguesa no Brasil sob a forma de uma epopeia lusitana. Esse *ethos* mítico, em alguma medida, garante a construção de um passado para o português brasileiro que o enobrece e o associa a valores tradicionais e culturais europeus. Em contrapartida, o contexto multilingüístico da nação brasileira é, de certa maneira, apresentado sob a forma de uma influência minoritária restrita ao léxico.

**Palavras-chave:** Análise do discurso; Museu da Língua Portuguesa; *ethos*.

**Resumen:** En este trabajo, analizamos el Auditorio del Museo de la Lengua Portuguesa, basándonos en los presupuestos teóricos de Dominique Maingueneau sobre la noción de *ethos*. Nuestros análisis pretenden mostrar que, en ese espacio expositivo, emerge un *ethos* mítico que se materializa por medio de un enunciador que narra los hechos históricos a partir de un punto de vista eurocéntrico y por medio de enunciados que tratan de la presencia de la lengua portuguesa en Brasil bajo la forma de una epopeya lusitana. Ese *ethos* mítico, en alguna medida, garantiza la construcción de un pasado para el portugués brasileño que lo ennoblece y lo asocia a valores tradicionales y culturales europeos. En contrapartida, el contexto multilingüístico de la nación brasileña, de cierto modo, es presentado bajo la forma de una influencia minoritaria restringida al léxico.

**Palabras clave:** Análisis del discurso; Museo de la Lengua Portuguesa; *ethos*.

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Linguísticos. Professora do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

## Introdução

Neste trabalho, analisamos um dos espaços expositivos do Museu da Língua Portuguesa em que se privilegia o tema da história da língua portuguesa, a saber, o Auditório, a partir das considerações teóricas de Dominique Maingueneau (2005a, 2005b, 2006 e 2008) sobre a noção de *ethos*.<sup>2</sup>

Conforme nossas análises procuram mostrar, nessa instalação, a história da língua portuguesa é contada construindo-se um passado mítico para a relação entre o português do Brasil e o português de Portugal. Por essa razão, há uma supervalorização da origem europeia da língua em detrimento, principalmente, das línguas indígenas, africanas e de imigrantes, que também são constitutivas da formação do português brasileiro.

A construção do que estamos chamando de passado mítico deve ser entendida, aqui, a partir de duas perspectivas: uma de caráter bastante amplo e geral por meio da qual se considera o mito como uma narrativa especial, fantástica, protagonizada por seres de caráter heroico, que, de acordo com Rocha (1986, p. 10), “fala enviesado, fala bonito, poético” e que é capaz de revelar o pensamento de uma sociedade, registrar uma história; e outra que se dá de forma análoga àquela descrita por Gnerre (1998) com relação ao processo de legitimação das línguas, cujo componente essencial é a criação de mitos de origem.

De acordo com Gnerre, a instituição da gramática das línguas românicas como um dos instrumentos de legitimação do poder de uma variedade linguística sobre as demais foi acompanhada do desenvolvimento de uma perspectiva mítico-ideológica, por parte de letrados e humanistas, com o objetivo de justificá-la. Com relação à tradição histórica e filológica portuguesa entre o século XVI e a idade pombalina, para citar apenas um exemplo, Leite de Vasconcelos (1931 apud Gnerre, 1998, p. 15) aponta que

este período da nossa filologia pode caracterizar-se pelo seguinte: preocupação, nos gramáticos, da semelhança da gramática latina com a portuguesa... e sentimento patriótico da superioridade da língua portuguesa em face das outras, principalmente da castelhana, sua concorrente temível.

---

<sup>2</sup> A análise apresentada neste trabalho é parte da tese *A língua do Museu da Língua Portuguesa* defendida em novembro de 2013 na Universidade Federal de Uberlândia. Embora, em 21 de dezembro de 2015, o prédio que abrigava o museu tenha sido completamente destruído por um incêndio de grandes proporções, optamos por manter as referências à instituição e a seu discurso com formas verbais no presente do indicativo, reconhecendo, no entanto, que esse incidente impõe, em alguma medida, outros sentidos para o trabalho que desenvolvemos.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Na época em que se deu a associação entre uma variedade linguística e a escrita e, em seguida, entre essa variedade e a tradição gramatical, a distância entre a língua codificada na gramática e a realidade da variação já deveria ser enorme, visto que o saber clássico foi usado para dar valor e credibilidade às gramáticas dos falares “vulgares” e para expandir os léxicos fixados por meio de empréstimos gregos e latinos. Nesse contexto de legitimação do saber sobre a língua, a gramática normativa, na perspectiva de Gnerre, é um elemento privilegiado: enquanto as ciências e a própria filosofia admitem a crítica e a refutação explícita de fases precedentes de produção intelectual, o mesmo não acontece com relação à norma padrão. Para esse autor,

tal como na religião, nos valores morais e éticos, na norma linguística não aparece uma crítica explícita de fases anteriores. Pelo contrário, a impressão que é transmitida é de continuidade. O paralelo com a religião e a formalização da série de crenças e valores é útil: podemos pensar na distância, em termos de dogmas, práticas e crenças, entre o catolicismo do século XV e o atual. Ainda assim a idéia que é transmitida como característica central da igreja é a de continuidade e estabilidade. (GNERRE, 1998, p. 27-28).

Do mesmo modo, o espaço expositivo do Museu da Língua Portuguesa em questão, discursivamente, parece se caracterizar por uma preocupação em reiterar a unidade linguística entre Brasil e Portugal, em valorizar a origem europeia do português usado no Brasil, em restringir as línguas indígenas, africanas e de imigrantes a certa “influência” no léxico e, assim, transmitir a ideia de continuidade na transposição da língua de Portugal para o Brasil e de estabilidade do código linguístico desde então.

### **Fundamentação teórica**

A noção de *ethos* foi concebida por Aristóteles no interior da sua *Retórica* e, *grosso modo*, designa a construção de uma imagem de si destinada a garantir que a persuasão oratória seja eficiente. Em outras palavras, o *ethos* retórico consistia na reunião, durante a enunciação discursiva, de tudo o que fosse capaz de causar uma boa impressão do orador e de convencer o auditório, ganhar sua confiança.

Amossy (2005) considera que a inclusão dessa noção às ciências da linguagem ocorreu em 1984, por meio da teoria polifônica da enunciação de Oswald Ducrot, para quem, o *ethos*



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

está ligado à instância discursiva do locutor que se vê investido de certos caracteres que podem tornar a enunciação aceitável ou não. Para Amossy, não é por acaso que a noção de *ethos* é integrada a uma concepção de enunciação pragmático-semântica, visto que se trata de uma teoria em que a fala é enfatizada como ação que objetiva influenciar o parceiro.

Ainda de acordo com a autora, na Análise do Discurso (AD), a elaboração da noção de *ethos* como construção de uma imagem de si no discurso é realizada por Maingueneau (2005a, 2005b, 2006 e 2008), que define *ethos* como sendo a personalidade do enunciador revelada por meio da enunciação, que não se restringe a enunciados orais, mas é válida para qualquer texto, inclusive para o escrito. Para esse autor, trata-se de um *tom* que dá autoridade ao que é dito e que permite ao leitor construir uma representação do caráter (conjunto de traços psicológicos) e da corporalidade (compleição corporal, maneira de se vestir e de se movimentar no espaço social) do enunciador.

Na perspectiva de Maingueneau (2006), o fato de o *ethos* estar ligado ao ato enunciativo impõe algumas dificuldades para que se faça dele uma caracterização precisa.

Uma das dificuldades está relacionada ao fato de que, para Maingueneau, talvez, fosse necessário distinguir *ethos discursivo* e *ethos pré-discursivo*. No entanto, diante da existência de tipos de discursos e de circunstâncias em que seja provável que o destinatário não disponha de uma representação prévia do *ethos* do locutor, como na leitura de um romance, e, diante da existência de contextos em que os locutores são previamente associados a um tipo de *ethos*, como nos domínios político e midiático, o autor coloca em dúvida a necessidade dessa distinção, argumentando que “parece mais razoável pensar que a distinção pré-discursivo/discursivo deve levar em conta a diversidade dos gêneros de discurso, que ela não é pertinente de forma absoluta” (MAINGUENEAU, 2006, p. 57).

Outra dificuldade para a elaboração do *ethos* recai sobre o fato de que o destinatário se apoia sobre índices que vão desde a escolha do registro da língua e das palavras, até o planejamento textual, o ritmo e a modulação da voz do locutor. De acordo com Maingueneau (2006, p. 57), “o *ethos* se elabora, assim, por meio de uma percepção complexa que mobiliza a afetividade do intérprete, que tira suas informações do material lingüístico e do ambiente”. A elaboração do *ethos* acarreta, portanto, uma decisão teórica no sentido de relacionar a ele



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

apenas o material verbal ou de integrar a ele elementos não verbais, tais como a maneira como o locutor se veste e se movimenta no espaço social.

Uma dificuldade que o autor aponta, ainda, refere-se a uma zona de variação que sempre esteve atrelada à concepção de *ethos* nos mais diferentes campos em que foi mobilizada. Diante da inexistência de um valor unívoco para essa noção, o autor afirma que “não é de forma alguma possível estabilizar definitivamente uma noção desse tipo, que é mais adequado apreendê-la como o núcleo gerador de uma multiplicidade de desenvolvimentos possíveis” (MAINGUENEAU, 2006, p. 60).

Maingueneau, limitando-se ao tratamento que Aristóteles concedeu à noção de *ethos* na *Retórica*, concorda com algumas de suas ideias, a saber: o *ethos* é uma noção *discursiva*, ou seja, ele se constitui por meio dos discursos, o que não se confunde com uma “imagem” do locutor exterior ao ato de enunciação; o *ethos* é um processo *iterativo* de influência sobre o outro; e é uma noção *híbrida* (sócio-discursiva), tendo em vista que integra comportamentos socialmente avaliados a determinadas conjunturas sócio-históricas. Sua proposta para essa noção, embora trate de uma problemática diferente, inscrita no quadro da AD, não pode ser considerada totalmente avessa à concepção aristotélica.

Para Maingueneau, por meio do discurso, emerge uma instância subjetiva que desempenha o papel de *fiador* do que é dito e que deve ser concebida como uma “voz” associada a um “corpo enunciante” historicamente especificado. Distanciando-se da relação estabelecida pela *Retórica* entre *ethos* e oralidade, esse autor propõe que

qualquer texto escrito, mesmo se ele o nega, tem uma “*vocalidade*” específica que permite relacioná-la a uma caracterização do corpo do enunciador (e não, bem entendido, ao corpo do locutor extradiscursivo), a um “*fiador*” que, por meio de seu “*tom*”, atesta o que é dito (o termo “*tom*” tem a vantagem de valer tanto para o escrito quanto para o oral). (MAINGUENEAU, 2006, p. 61, grifo do autor).

Nas palavras do próprio autor, trata-se de uma concepção mais “encarnada” de *ethos*, visto que visa a recobrir a dimensão verbal e o conjunto das representações coletivas das características físicas e psíquicas associadas ao fiador, o que contribui para que se atribua a ele um “caráter” (um conjunto de traços psicológicos) e uma “corporalidade” (compleição física, modo de se vestir e de se movimentar). Na perspectiva de Maingueneau (2008, p. 99),



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

“o caráter e a corporalidade do fiador provêm de um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apóia a enunciação que, por sua vez, pode confirmá-las ou modificá-las”. Sua noção de *ethos* apreende uma *maneira de dizer* que, por sua vez, remete a uma *maneira de ser*.

À apropriação do *ethos* do locutor pelo destinatário, Maingueneau propõe designar *incorporação*, uma atividade que, para além da simples identificação do *ethos*, envolve um “*mundo ético*” (estereótipo cultural que subsume um conjunto de situações estereotípicas ligadas a comportamentos) do qual o fiador é parte integrante e ao qual ele dá acesso. De acordo com o autor, a incorporação se apresenta ao leitor ou ouvinte na posição de intérprete a partir de três registros: a enunciação da obra leva o destinatário a atribuir um *ethos* a seu fiador, ou seja, lhe dá corpo; o destinatário incorpora, desse modo, um conjunto de esquemas referentes a uma maneira específica de se relacionar com o mundo; essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um *corpo*, o da comunidade imaginária dos que aderem ao mesmo discurso.

Nas palavras de Maingueneau (2005a, p. 73), o texto

não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um co-enunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir “fisicamente” a um certo universo de sentido. O poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados. A qualidade do *ethos* remete, com efeito, à figura desse “fiador” que, mediante sua fala, se dá uma identidade compatível com o mundo que se supõe que ele faz surgir em seu enunciado. Paradoxo constitutivo: é por seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer.

Assumimos com Maingueneau que alguma coisa da ordem do *ethos* é liberada sempre que há enunciação. Por meio dos mais diversos textos orais e escritos, o locutor de um discurso ativa no intérprete a construção de uma representação de si mesmo e procura, de certa forma, controlar a interpretação dos signos que produz. Esse dado permite múltiplas formas de exploração da noção de *ethos*, apoiadas, por exemplo, no tipo e no gênero de discurso que são recortados para análise, mas também no quadro teórico ao qual a pesquisa está ligada.

De nossa parte, a noção de *ethos discursivo* será mobilizada, especificamente, na análise do Auditório do Museu da Língua Portuguesa, tomado não como um discurso



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

proferido por um orador, tal como aparece em Aristóteles, mas como uma prática discursiva, em certa medida, determinada pela função assumida pelo Museu da Língua Portuguesa com relação à língua, entendida, em sentido amplo, como instituição social. Portanto, o *ethos*, nesse sentido amplo, visa não apenas produzir a adesão dos destinatários a determinado posicionamento, mas deve ser tomado como um importante índice da relação inextricável entre o discurso e a instituição. Assumimos, portanto, a noção de *ethos* como um dos planos da discursividade, sujeito às mesmas restrições semânticas que fixam os critérios de enunciabilidade de um discurso.

### **Análise**

No Auditório, sala localizada no terceiro andar do museu à qual se tem acesso por meio de um ingresso com hora marcada, é exibido um vídeo sobre a origem da linguagem humana e, conseqüentemente, da língua portuguesa usada no Brasil. O argumento que fundamenta esse vídeo foi escrito pelo antropólogo Antonio Risério, e sua narração é feita pela atriz Fernanda Montenegro. Reproduzimos o texto:

A linguagem humana surgiu há milênios, mas não resta nenhuma sombra ou registro da primeira palavra, do primeiro canto, da primeira dança. Tudo isso ficou invisível no tempo. Com a linguagem, nasceu um universo propriamente humano. Razão e emoções, sonhos e projetos se organizaram e ganharam lugar. Só nós, os humanos, podemos escapar do presente e planejar o futuro. Só nós temos saudades do que passou e podemos inventar outros mundos. Nosso reino é o dos signos e nele se instaura o universo da palavra.

Não existe humanidade sem língua. É ela que dá sentido e significado ao que somos, pensamos e fazemos. A língua é como a espinha dorsal que põe de pé sociedades, organizando crenças e costumes, valores e comportamentos. Não se sabe ao certo como surgiram as milhares de línguas que existem. O que se sabe é que elas foram se formando nos mais variados cantos da Terra. Línguas diferentes entre si, cada qual com sua sonoridade, com seus modos de organizar as palavras, com seus timbres.

Todos nós nascemos dentro do universo da nossa língua materna, e as palavras dessa língua nos abrigam e envolvem. Nossa língua nasceu em Portugal e descende de povos ancestrais. Hoje, ela é falada por mais de 200 milhões de pessoas em todos os continentes do planeta. Entre os séculos XV e XVI, os portugueses se lançaram numa grande aventura marítima e ancoraram em diferentes terras, levando a sua cultura e a sua língua. E os portugueses chegaram ao Brasil.

No Brasil, o português sofreu influência de línguas indígenas e africanas, e também das línguas de imigrantes. Os encontros e desencontros entre essas culturas e falares criaram uma língua única, original, e que continua a se reinventar todos os dias, pelas ruas e praças do país, nos seus ritmos e ritos, nos poemas e nas canções.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Pensamos em português, sentimos em português, criamos em português. É esta língua que nos faz ser quem somos. É com ela que afirmamos e expressamos a nossa identidade. Nossa língua é o nosso melhor retrato, a nossa pátria mais profunda. No Brasil, a língua portuguesa atingiu um alto grau de mistura e invenção. Aqui vive a grande maioria de seus falantes: gente que ajuda a conduzir pelo planeta o destino desse nosso antigo e belo idiomaterno.<sup>3</sup>

A afirmação de que “nossa língua nasceu em Portugal e descende de povos ancestrais” parece tender para um percurso argumentativo que visa a diferenciar a variedade linguística brasileira da variedade europeia, pelo menos, por meio do dêitico “nossa” que, aparentemente, recobriria apenas a língua dos brasileiros. No entanto, a sequência discursiva seguinte não deixa dúvidas de que, no Museu da Língua Portuguesa, “nossa língua” é aquela “falada por mais de 200 milhões de pessoas em todos os continentes do planeta”, trata-se de uma língua comum, supostamente, una.

As línguas indígenas e africanas, bem como as línguas de imigrantes, de acordo com o texto, são tomadas como tendo influenciado o português em nosso país – “no Brasil, o português sofreu influência de línguas indígenas e africanas, e também das línguas de imigrantes” –, mas note-se que essa consideração se dá por meio do emprego do verbo “sofrer” cujas acepções estão, majoritariamente, associadas a dor, prejuízo, resignação. A contribuição efetiva dessas línguas e de seus povos como elementos definidores da identidade nacional parece não ser reconhecida ou fica mais restrita ao léxico, visto que, no momento em que o texto menciona o português “no” Brasil, palavras, como miçanga, pitanga, sabiá, axé, ogum, bonsai, abajur, ateliê, esfirra, blitz, pizza, entre outras, são projetadas no vídeo. Como a referência às línguas indígenas, africanas e de imigrantes aparece também em outros espaços expositivos, retomaremos essa questão adiante.

A assunção de que temos uma “língua única, original, e que continua a se reinventar todos os dias”, isto é, a assunção da variação e mudança linguísticas não é suficiente para superar o processo de apagamento da história social do Brasil que o texto opera, visto que a ideia de unidade, pressuposta no fato de o português ser falado, hoje, “por mais de 200 milhões de pessoas em todos os continentes do planeta”, é reiterada no seu trecho final: “No Brasil, a língua portuguesa atingiu um alto grau de mistura e invenção. Aqui vive a grande

---

<sup>3</sup> As citações dos espaços expositivos foram registradas por nós, em vídeos e fotografias, durante nossas visitas ao Museu da Língua Portuguesa.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

maioria de seus falantes: gente que ajuda a conduzir pelo planeta o destino desse nosso antigo e belo idiomaterno”.

No trecho citado, novamente, a direção argumentativa que parecia tender para a “defesa” da variedade brasileira da língua portuguesa como sendo diferente das demais, por meio da afirmação de que, aqui, “a língua portuguesa atingiu um alto grau de mistura e invenção”, recai sobre o pressuposto de que a língua portuguesa é una. Em “aqui vive a grande maioria de seus falantes”, o escopo de “seus” parece ser tão somente falantes de língua portuguesa, mas não “falantes de língua portuguesa com alto grau de mistura e invenção”. No texto, a ideia de unidade é, ainda, recuperada pela última referência à língua como “nosso antigo e belo idiomaterno”, em que o pronome possessivo “nosso” não é, em medida alguma, referente de “eu e você”, enunciador do discurso do museu e visitante brasileiro, mas alude a todos os falantes nativos de língua portuguesa. Em certa medida, o discurso sobre o português usado no Brasil que emerge no Auditório do Museu da Língua Portuguesa parece corresponder à estruturação sintática *p mas q*, em que a língua portuguesa é reconhecida como heterogênea, ou seja, está sujeita a variações e mudanças, embora o argumento mais forte, ou seja, aquele introduzido pelo operador argumentativo *mas*, seja o de que se trata de uma língua una.

O emprego dos dêiticos que destacamos aqui, “*nossa língua*”, “*nosso* belo idiomaterno” e “*seus* falantes”, aparentemente, apresenta certa inconsistência referencial: parece querer ancorar o discurso do museu ao português brasileiro e seus usuários, mas não se desvencilha de elementos que, historicamente, são tomados como representativos de uma “tradição” e uma “cultura”. O discurso sobre a língua do Brasil que tem lugar no museu, cinco séculos após a chegada dos portugueses, ainda procura expressar o que lhe é particular sem deixar de recorrer à sua incorporação ao geral, mais especificamente, ao lusitano. Ao sustentar seu dizer na ideia de unidade, em alguma medida, o museu atualiza algumas características presentes nos discursos sobre a língua portuguesa do século XIX, a saber, a preconização da unidade linguística com Portugal e, conseqüentemente, a mobilização do uno como uma forma de negar o atraso com relação aos valores europeus, o que coloca em cena uma definição de língua portuguesa que a restringe a um de seus usos, o “bom uso”.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

A unidade linguística entre a língua portuguesa do Brasil e a de Portugal, indicada no texto veiculado no Auditório, tem consequências, por exemplo, no modo como a identidade nacional brasileira é descrita e ressignificada no interior do museu.

O processo de apagamento do índio da identidade cultural brasileira, por exemplo, tem sido mantido durante séculos e se produz pelos mecanismos mais variados, dentre eles, a linguagem. No Auditório do Museu da Língua Portuguesa, afirmações como “nossa língua nasceu em Portugal e descende de povos ancestrais” e “e os portugueses chegaram ao Brasil” são exemplares desse processo, uma vez que se pode inferir, a partir desses enunciados, que nossos antepassados são os portugueses e que o Brasil, no século XVI, não passava de uma extensão de terra. Esse processo de apagamento que, a nosso ver, não se restringe, no museu, a traços indígenas, mas apreende traços africanos e de imigrantes não portugueses, também pode ser verificado nos demais espaços expositivos centrados na história da língua portuguesa, a saber, Palavras Cruzadas e Linha do Tempo.

Palavras Cruzadas, para citar apenas um exemplo, é apresentada por meio do seguinte texto de autoria de Leandro Karnal, historiador e professor da UNICAMP:

A língua é rica em sons e idéias, mas também produz ações. Todos os gestos são definidos com palavras: andar, pintar, amar, construir, compartilhar. Tudo o que eu faço está acompanhado de um pensamento ou de uma frase em minha língua. Esta parte do museu é denominada palavras cruzadas. Aqui, há objetos de diversas culturas integrantes da aventura que nos envolve: a língua portuguesa. São lanternas que possibilitam espiar culturas que formaram nosso modo de falar. Neste espaço, você não encontrará objetos típicos de museus: únicos, muito antigos e de valor monetário alto. Estão expostas peças cotidianas, coisas concretas feitas por falantes de mundos indígenas, africanos, europeus e asiáticos. Elas traduzem crenças, jogos, culinária e afeto. Estão vivas! Mais do que peças antigas, são pedaços da criatividade atual de muitos povos. Trazidos à força da África, massacrados no contato com o branco ou oprimidos na terceira classe de um navio de imigrantes, eles expressam parte da saga difícil da construção do que hoje chamamos Brasil. Os objetos dizem: apesar de tudo, nós sobrevivemos! Língua, no fundo, é vida!

Nesse texto, há a afirmação de que “aqui, há objetos de diversas culturas integrantes da aventura que nos envolve: a língua portuguesa”. Essa afirmação descreve a língua como uma “aventura”, e a participação de diversas culturas na constituição da variedade linguística brasileira fica restrita à sua modalidade oral, visto que os totens que formam a instalação são



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

definidos como “lanternas que possibilitam espiar culturas que formaram nosso modo de falar”.

A ideia de aventura pressuposta na constituição da identidade cultural e linguística brasileira é reiterada no trecho final do texto sob a forma de “saga” – “eles expressam parte da saga difícil da construção do que hoje chamamos Brasil” –, o que, em alguma medida, reitera o que também é expresso no vídeo apresentado no Auditório, a saber, o protagonismo dos portugueses, que “se lançaram numa grande aventura marítima e ancoraram em diferentes terras, levando a sua cultura e a sua língua”, em detrimento dos demais povos que participaram da história social do Brasil e do conseqüente processo de apagamento de sua efetiva participação nessa história.

Ainda com relação ao trecho final, acreditamos que seja possível afirmar que, no Museu da Língua Portuguesa, o índio, o africano e o imigrante não são somente substancializados na linguagem, por meio de uma voz que se manifesta no léxico, são, também, reificados, o que pode ser comprovado por meio do último parágrafo do texto, reproduzido anteriormente, em que as expressões “trazidos à força da África”, “massacrados no contato com o branco” e “oprimidos na terceira classe de um navio de imigrantes”, bem como o emprego catafórico do pronome “eles”, fazem referência a “objetos”, mas não a africanos, índios e imigrantes.

### **Considerações finais**

A preocupação em reiterar a unidade linguística entre Brasil e Portugal, a nosso ver, pode ser interpretada como decorrente da definição de museu, presente no estatuto do Conselho Internacional de Museus (apud ARAÚJO; BRUNO, 1995, p. 11), como sendo um estabelecimento administrado para “satisfazer o interesse geral de conservar”, no sentido de “conservar” a língua, vale dizer, manter, por meio da prática discursiva do Museu da Língua Portuguesa, a sua unidade.

Sendo assim, em nossa análise, consideramos que não só o *ethos* mítico, mas também o tratamento do tema da história da língua portuguesa centrada na ideia de unidade (outro plano da discursividade) parecem ser impostos pela instituição museológica que, tradicionalmente é reconhecida como um espaço no qual são expostos, “para o deleite e



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

educação do público” (ARAÚJO; BRUNO, 1995, p. 11), elementos que atestam a grandeza e a maestria de um passado criado pelo homem.

De um ponto de vista discursivo, o Museu da Língua Portuguesa reinventa, ou melhor, edita a história do português do Brasil, fazendo com que ela pareça um feito heroico, impossível de ser abalado pelas contingências locais. Para tanto, assume um *ethos* mítico que se materializa por meio de narrativas épicas e busca construir para o português brasileiro uma história associada a certa “tradição” e “cultura” como forma de retratar, também, a identidade nacional distante de qualquer traço que possa parecer “selvagem” ou “pouco civilizado”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). *A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos*. São Paulo, 1995.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 9-28.

GNERRE, Maurício. Linguagem, poder e discriminação. In: \_\_\_\_\_. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 5-34.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005a. p. 69-92.

\_\_\_\_\_. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar, 2005b.

\_\_\_\_\_. Problemas de ethos. In: \_\_\_\_\_. *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar, 2006. p. 52-71.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é mito*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Primeiros Passos).